



Promovendo a mediação cultural e informacional: a contribuição da Comunidade Selvagem na valorização da cultura indígena brasileira

Nathália Lima Romeiro

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil

Bruno Almeida dos Santos

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

Resumo: A pesquisa tem como objetivo analisar as práticas de mediação cultural e informacional promovidas pela Comunidade Selvagem, composta por voluntários engajados na divulgação da cultura dos povos tradicionais brasileiros. Por meio de conversas mediadas pelo filósofo e líder indígena Ailton Krenak, diálogos entre outras autorias indígenas, ciclos de leitura, produção de cadernos e conteúdo audiovisual, a Comunidade Selvagem busca disseminar informações e promover a conscientização sobre a cultura indígena. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, na qual foi realizado um mapeamento das práticas de mediação cultural entre maio e julho de 2023. Os resultados evidenciam a diversidade de atividades desenvolvidas, caracterizadas como ação e fabricação cultural, que possibilitam apropriação e difusão de conhecimentos, arte e cultura indígena brasileira. Essas práticas contribuem para ampliar a conscientização e o entendimento dos saberes indígenas, estimulando a valorização e a preservação da vasta diversidade cultural do Brasil.

Palavras-chave: Comunidade Selvagem; Práticas de Mediação Cultural e de Informação; Saberes indígenas; Ciclo Selvagem; Ailton Krenak

Promoviendo la mediación cultural e informacional: la contribución de la Comunidad Selvagem en la valoración de la cultura indígena brasileña

Resumen: La investigación tiene como objetivo analizar las prácticas de mediación cultural e informativa promovidas por la Comunidad Selvagem, compuesta por voluntarios comprometidos en la difusión de la cultura de los pueblos tradicionales brasileños. A través de conversaciones mediadas por el filósofo y líder indígena Ailton Krenak, diálogos entre otros autores indígenas, ciclos de lectura, producción de cuadernos y contenido audiovisual, la Comunidad Selvagem busca difundir información y promover la concientización sobre la cultura indígena. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, en el cual se realizó un mapeo de las prácticas de mediación cultural entre mayo y julio de 2023. Los resultados destacan



la diversidad de actividades desarrolladas, caracterizadas como acción y fabricación cultural, que permiten la apropiación y difusión de conocimientos, arte y cultura indígena brasileña. Estas prácticas contribuyen a ampliar la conciencia y comprensión de los saberes indígenas, estimulando la valorización y preservación de la amplia diversidad cultural de Brasil.

Palabras clave: Comunidad Selvagem; Prácticas de Mediación Cultural e Informativa; Saberes indígenas; Ciclo Selvagem; Ailton Krenak



Introdução

A oralidade como forma de comunicação desempenha um papel central ao longo do tempo e espaço, deixando marcas em diversas sociedades que basearam seus conhecimentos e experiências na tradição oral. Através dessa expressão comunicativa, a cultura e a memória social ancestral de muitos povos não foram extintas, como é o caso dos saberes indígenas brasileiros, cuja transmissão de conhecimento ocorre por meio dos membros participantes de suas comunidades, responsáveis por transmitir a sabedoria de seu povo entre diferentes gerações (Thompson, 1992, Barbosa; Mezacasa; Fagundes, 2018).

Essa sabedoria tem uma maior chance de preservação por meio de tecnologias de informação e comunicação, como as tecnologias audiovisuais, uma vez que facilitam o registro da oralidade e o compartilhamento dos conhecimentos registrados. Dessa forma, o material audiovisual se torna um recurso que não apenas permite o registro, mas também minimiza a perda semiótica da expressão cultural e filosófica indígena, tornando-se um documento em si. Com base nisso, este estudo tem como objetivo apresentar as práticas de mediação cultural e de informação desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, uma pequena equipe de voluntários que busca compartilhar as conversas mediadas por Ailton Krenak, os diálogos entre autores indígenas e não indígenas, a realização de ciclos de leitura; e, a produção de cadernos e materiais audiovisuais relacionados à cultura dos povos indígenas brasileiros.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que visa a análise das práticas de mediação cultural desenvolvidas pela Comunidade Selvagem. Além disso, o estudo evidencia a importância do site desenvolvido pela Comunidade Selvagem como espaço de informação, promoção de justiça social e de preservação da oralidade de Ailton Krenak e outros pensadores e pensadoras indígenas do Brasil. Enquanto procedimento metodológico, foi realizado o mapeamento das práticas de mediação cultural feitas pela Comunidade Selvagem entre os meses de maio e junho de 2023. A partir desse mapeamento foram descritas e analisadas as práticas de mediação cultural relacionadas as atividades culturais realizadas pela Comunidade Selvagem, visibilizando assim as diferentes frentes de atuação deste grupo.

O desenvolvimento de estudos sobre as práticas de mediação cultural e de informação da Comunidade Selvagem contribui para despertar a consciência e ampliar o conhecimento sobre os saberes dos povos tradicionais. Além disso, contribui para a reparação histórica que o Estado brasileiro deve aos seus povos originários, ao oferecer uma estratégia decolonial de circulação dos saberes indígenas, sendo, portanto, uma estratégia para promover a justiça social.

Desconstruindo a colonialidade: perspectivas epistêmicas e justiça social na valorização dos saberes indígenas brasileiros

Antes de nos aprofundarmos sobre os conceitos que serão discutidos nessa seção, propomos uma readequação da narrativa histórica em dois aspectos: o primeiro é que a ciência não essencialmente justa e para discuti-la com intuito de promover justiça social é necessário



que se compreenda as relações de poder envolvidas no processo de produção e disseminação, seja qual for o tempo e espaço em que determinada pesquisa tenha sido produzida (Lorde, 2020; Mathiessen, 2015). O segundo aspecto é que a orientação do mundo tal como a modernidade nos apresenta precisa ser renomeada a partir do entendimento de que a colonização foi uma estratégia perversa para invenção, disputa e apropriação do “novo” mundo ocidental.

Uma injustiça histórica registrada cientificamente pode ser percebida pela marcação do dia 22 de abril dentro do calendário brasileiro como o dia de uma desbravadora descoberta. Não se trata de uma referência heroica, mas, sim, da invasão e colonização do território e dos povos que aqui viviam através de um longo processo de exploração territorial e de recursos naturais pelos invasores, também chamados de bandeirantes. Foi a partir da primeira tentativa de globalização que as grandes navegações e expansões marítimas marcaram a ruptura com a Idade Média e deu início ao que foi chamado de *Modernidade*. Tal modernidade pode ser interpretada como o período em que se expandiu a colonização nas Américas (Abya Yala), África (Alkebulan) e Ásia, encomendada por sociedades europeias em crise com o “novo” e em ascensão no sistema econômico capitalista. Walter Mignolo (2017) nos ajuda a compreender tal afirmação ao explicar que a Modernidade emergiu como a colonização do tempo e do espaço e que estes referentes foram inventados, no tempo pela Idade Média (período renascentista) e no espaço através da expansão marítima e colonização do que os europeus nomearam como novo mundo. Segundo o autor, “a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã” (Mignolo, 2017, p. 4).

Mignolo (2017) complementa que a partir da expansão marítima uma nova orientação econômica global começou a se desenvolver, formando “[...] um mundo policêntrico e interconectado pelo mesmo tipo de economia [...]” (Mignolo, 2017, p. 4) capitalista. Ainda que no início não houvesse total ideia do que poderia ser feito no território invadido, não havia pretensão de ser algo a beneficiar os povos originários, “A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível.” (Krenak, 2019, p.11).

No Brasil, a invasão foi realizada sob tamanha violência que até hoje é possível perceber a herança da exploração colonial na formação básica, como na divulgação da falsa ideia difundida em livros didáticos de que o Brasil foi descoberto e não invadido (Isaac; Rodrigues, 2017). Bittar e Ferreira Júnior (2018, p. 16) complementam essa narrativa ao explicar que a “colonização e catequese são dois processos históricos que não se separam e foi nesse processo que as primeiras práticas escolares nasceram no Brasil [...]”. Além disso, a catequização e aculturação dos povos originários foi agenciada através da reprodução da tradição literária, das leis, moral e costumes de Portugal, promovendo um apagamento cultura local, o que impactou essencialmente a cultura epistêmica brasileira ao formar a comunidade intelectual



brasileira desconectada da intelectualidade dos povos indígenas. Ailton Krenak refletindo sobre esse processo em sua vida afirma o seguinte,

Quando aceitei aprender a ler e escrever, encarei a alfabetização como quem compra um peixe que tem espinha. Tirei as espinhas e escolhi o que eu queria. Acho que a maioria das crianças que vão hoje para a escola e que são alfabetizadas é obrigada a engolir o peixe com espinha e tudo. É uma formação que não atende à expectativa delas como seres humanos e que violenta sua memória. Na nossa tradição, um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas. Os cantos narram a criação do mundo, sua fundação e seus eventos (Krenak in: Cohn, 2005, p.86).

Com o intuito de apresentar uma contra narrativa à hegemonia eurocentrada, Aníbal Quijano (2010) propõe uma reinterpretação das sociedades ao fundamentar uma teoria social capaz de explicar os processos de violência experienciados na constituição territorial das américas, através de uma classificação étnico-racial da população denominada colonialidade do ser, saber e poder. Esta mentalidade de classificação social foi gradualmente penetrada na cultura recorrendo a meios cruéis romantizados como estratégias que tinham o intuito de firmar pactos civilizatórios disfarçados de progresso econômico através da catequização, da formação escolar, da imposição do matrimônio, da monogamia e da herança (Longhini, 2022).

É possível perceber colonialidade operada no campo do saber na priorização do conhecimento produzido por pessoas pertencentes um grupo específico - majoritariamente branco. Grupo que por meios perversos privilegia e sedimenta teorias com intenção de explicar o mundo sob um único ponto de vista, criando, dessa forma, dinâmicas de dependência para reforçar o privilégio europeu na esfera intelectual (Silva, 2020). Essa relação de dependência pode ser exemplificada se compararmos os saberes produzidos por pesquisadores europeus nos currículos universitários de diferentes campos do saber com os produzidos por sujeitos não-brancos que tenham sobrevivido aos efeitos da colonização.

Silva (2020) denuncia o racismo epistêmico nas estruturas de conhecimento ao atribuir às pessoas brancas a responsabilidade por essa dinâmica pelo fato de não renunciarem a seus privilégios - caracterizado pelo fenômeno da branquitude - e assim reconfigurar o *status quo*. A autora evidencia os efeitos da colonização no roubo de riquezas naturais e materiais dos territórios colonizados, no atroz processo de escravização de pessoas indígenas e negras, e no apagamento das epistemes oriundas de povos não-brancos, impondo uma explicação sobre o mundo propositalmente universalizada e excludente.

Uma das formas de resistência a isso se estabeleceu no âmbito acadêmico através dos estudos decoloniais, pois estes se propõem a “dissolver estruturas de dominação e exploração que constituem a colonialidade[...]” (Silva, 2020, p. 123). Natalia Duque Cardona (2020)



complementa essa ideia ao criticar o cartesianismo da ciência moderna reforçando a importância da contextualização intercultural na formação acadêmica. Com isso, fica cada vez mais palpável a promoção da justiça epistêmica aos saberes negligenciados, como foi o caso das populações negras e indígenas na história brasileira.

Com o intuito de ampliar a crítica sobre a colonialidade, destacamos que, apesar de ter desenvolvido uma vasta argumentação sobre a temática na dimensão da raça, a teoria de Quijano não reflete os efeitos da colonialidade de gênero no debate. Consideramos essa uma fragilidade na obra do autor posto que as relações de gênero, sobretudo por meio da exploração de mulheres para fins de procriação e o extermínio de pessoas dissidentes da heteronormatividade foram tecnologias utilizadas para colonizar o território conforme explicaram María Lugones (2020), Rita Segato (2021) e Geni Lonhini (2022). Nessa direção, Lugones problematiza a construção social dos gêneros binários como fixos e produtores de significados excludentes da diversidade de gêneros. A autora destaca que a colonização foi fundamentalmente violenta para mulheres, sobretudo na imposição da obediência a quem detinha seu pátrio poder (pai, marido, ou representante homem mais velho da família) na qual a “vocação” para a maternidade e a submissão das mulheres foi naturalizada.

Além disso, Lugones explica que na conjuntura colonialismo-patriarcado, as mulheres não disputam o controle do acesso ao sexo. Assim, as diferenças entre g neros foram “[...] pensadas nos mesmos termos em que a sociedade entende a biologia reprodutiva [...]” (Lugones, 2020, p. 69), discussão fundamental para compreender não são a opressão das mulheres como a violência contra a popula o LGBTQIAP+ que essencialmente disside do viés biológico reprodutivo no sistema colonial moderno. Em complemento a isso, Rita Segato (2021) discute os impactos da colonialidade no Brasil de maneira multidimensional contemplando as categorias: epistêmica, de g nero e sexualidade, rela es étnico-raciais (pretos, indígenas e mestiços), na m dia, na moral cristã e no cárcere ao considerar a colonialidade como uma perturba o e patologia caracterizando com isso o “olhar pornográfico do colonizador” como aquele que contamina as rela es sociais por inserir nas popula es indígenas a moral civilizatr ria europeia. A autora reforça essa crítica ao apresentar o feminicídio como uma barbárie influenciada pelo sistema colonial moderno.

  inegável a necessidade de amplia o do debate a respeito da cultura e pensamento indígena. Uma das estratégias para extinguir o preconceito e preservar os saberes das popula es indígenas brasileiras   oferecer, em perspectiva reparadora, a justiça social ao que antes fora negligenciado. Sabemos que   irreparável o genocídio ao qual as popula es indígenas foram submetidas, entretanto,   possível preservar a cultura e o conhecimento registrado, assim como também   possível ampliar a rede de colabora o e prote o dos povos indígenas brasileiros, tal como se propõe a Comunidade Selvagem com suas práticas de media o cultural e de informa o, tímica a ser desenvolvida na próxima se o.



Práticas de mediação cultural e de informação

A **mediação cultural** na visão de Davallon (2007), busca despertar a consciência pública sobre as obras de arte, e sua ação consiste em criar uma interface entre esses dois universos díspares, com o objetivo de aproximá-los, dessa forma, as práticas culturais pertencem à mediação cultural. Coelho (1997) complementa ao explicar que a mediação cultural é um processo de outra natureza cujo objetivo é promover uma aproximação entre o que é individual e/ou coletivo em obras culturais e artísticas. O objetivo dessa abordagem é promover a compreensão da obra, suas sensibilidades e conhecimentos por meio dos quais quem aprecia (público) se desenvolve formando diferentes públicos culturais.

As atividades de mediação cultural, incluem oficinas culturais de mentoria, supervisão de exposições de arte, animações culturais, entre outras, são ações em que acontecem a circulação da informação. Estas atividades são geralmente desenvolvidas por profissionais da Museologia, curadores/as de arte, pessoas bibliotecárias, arquivistas, educadoras, guias de turismo entre outras profissões que atuam nos centros culturais e unidades de informação. Os diferentes níveis em que essas atividades podem se desenvolver caracterizam diferentes modos de mediação cultural, como ação cultural, animação cultural e fabricação cultural (Coelho, 1997). Corroborando a isso, Silva e Santos Neto (2017) chamam esses modos de mediação cultural de **práticas culturais** e afirmam que elas são importantes para os espaços informacionais e de cultura, pois preservam a informação e o conhecimento que permeiam a sociedade e criando diferentes sentidos para as pessoas.

Destacamos que a mediação cultural está diretamente relacionada com a **mediação da informação**, pois nela também acontece o que Almeida Júnior (2008) chama de ação de interferência, na qual uma pessoa ou grupos de pessoas se apropriam da informação compartilhada por um agente cultural de forma a satisfazer a sua necessidade de informação.

Rasteli e Cavalcante (2014) argumentam que a pessoa que passa pelo processo de mediação deixa de ser apenas um decodificador de conteúdo e passa a ser um produtor de sentido, tanto cultural como artístico, é quando ocorre a apropriação cultural da informação, pois a “[...] mediação cultural, por meio de suas práticas é tida como um processo que torna possível o acesso, o encontro e a apropriação da cultura.” (Silva, 2016, p. 391). Com base nisso, dividimos as práticas de mediação cultural, com base nas autorias estudadas em três categorias: **ação cultural, fabricação cultural e animação cultural**.

A **ação cultural**, conforme explicado por Coelho (1997, p. 32) é “[...] o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura”. Nesse processo, os agentes assumem a função de criadores, escolhendo de forma independente as técnicas utilizadas na criação de determinada produção cultural, de modo que as pessoas participantes assumem o papel de protagonistas no processo criativo (Cabral, 1999).

Antecessor de Coelho (1997), Flusser (1983) elucida que a ação cultural é uma reformulação de ideias, pensamentos e objetivos culturais, que posiciona a cultura como um



processo pertencente a todas as pessoas rompendo a preposição desta ser simplesmente tida como uma herança recebida passivamente, sem que haja críticas ou renovação de conhecimento. Silva e Santos Neto corroboram essa ideia ao exporem que Flusser refere-se à ação cultural “como uma estratégia de reformular pensamentos, mudar as ideias e, para isso, também coloca em evidência o protagonismo do sujeito.” (Silva; Santos Neto, 2017, p. 33). Neste sentido, focar nas pessoas, grupos ou comunidades como protagonistas da cultura é um objetivo primordial da ação cultural.

A segunda categoria, chamada de **fabricação cultural** é um processo de mediação cultural no qual se tem um propósito segmentado por um início, um estágio intermediário, um ponto final (Coelho, 1997) nos quais a finalidade está na disseminação de conhecimentos e técnicas, na formação de perspectivas culturais específicas, na formação de padrões perceptivos ou na produção de obras culturais previamente prescritas. Nesse processo, os objetivos são pré-determinados e cabe ao agente cultural ou mediador direcionar seu público em uma determinada direção. Dessa forma, opõe-se à ação cultural, um processo de invenção e co-construção de fins e meios culturais pretendidos entre mediadores e o público, muitas vezes definidos apenas no próprio processo. Silva e Santos Neto (2017, p. 34) afirmam que “Enquanto a ação cultural valoriza e reconhece o sujeito como protagonista desta prática, dando liberdade e autonomia a ele; a fabricação, por sua vez, afina seu foco na produção da obra de arte.”, por isso, a finalidade da fabricação cultural é a produção da obra de arte.

Por fim, a terceira prática de mediação cultural é a **animação cultural** que se trata de uma das ferramentas básicas de organização e promoção do lazer. Tal ferramenta não é entendida como uma simples ocupação do tempo, mas sim como o uso educativo do tempo livre. A animação cultural inclui atividades que introduzem a arte ao público enquanto espectadores, bem como integra práticas culturais e artísticas realizadas por pessoas amadoras. Nessas atividades estão incluídos programas como passeios turísticos, sessões de dança e atividades esportivas. Para além uso do tempo livre, a animação cultural procura simultaneamente inspirar relações de convívio direto (sem profundas discussões políticas) entre membros de um mesmo grupo ou categoria, enquanto trabalhadores ou componentes específicos de uma atividade ou de outro conectivo (Coelho, 1997).

A partir dos referentes estudados nessa seção em diálogo com os discutidos na seção anterior analisaremos as práticas de mediação cultural e da informação promovidas pela Comunidade Selvagem como estratégia de promoção da justiça social.

Práticas de mediação cultural e de informação da comunidade selvagem como estratégia de promoção da justiça social

A Comunidade Selvagem é um ciclo de estudos realizado através de um *site* que tem como objetivo compartilhar os saberes indígenas produzidos de forma ampla e gratuita. Seus estudos tiveram início a partir das conversas mediadas por Ailton Krenak, um importante líder indígena, ambientalista, filósofo, pensador e escritor brasileiro. Neste site encontramos bate-papos entre autoras e autores indígenas e não indígenas, realização de ciclos de leituras,

produção de cadernos, materiais audiovisuais, entre outras produções. A comunidade foi inaugurada em janeiro de 2021, integra 13 países e conta com a colaboração de cerca de 334 pessoas voluntárias distribuídas em cinco grupos ativos que são: Comunicações, Preparação de Textos [Traduções e Transcrições], Biblioteca Ailton Krenak (catálogo audiovisual), Comunicações e Crianças (conteúdo infanto-juvenil) (Comunidade Selvagem, 2022).

De acordo com o relatório de 2022 da Comunidade Selvagem, o site do ciclo tem mais de 7 mil pessoas inscritas para receber informações. Durante os mais de dois anos de existência da comunidade foi realizada a produção de Cadernos Selvagem, transcrições de Conversas legendadas, e lançadas as Flechas (uma série em sete episódios que projeta o as ações da Comunidade Selvagem para a linguagem audiovisual) em pelo menos nove cidades do Brasil e no mundo. Essa coletânea de criações é inspirada no Ciclo Selvagem e que é nutrida pelo grupo de Comunicações a partir do acervo das falas online de Ailton Krenak organizado pelo grupo Biblioteca do Ailton e pelo trabalho realizado com o grupo de Crianças para o desenvolvimento de materiais pedagógicos.

Figura 1 – Atividades realizadas pela Comunidade Selvagem



Fonte: <http://selvagemciclo.com.br/>

Cada uma das representações imagéticas presentes na Figura 1 denota categorias específicas de conteúdo divulgado pela Comunidade Selvagem, denominada pelos seus idealizadores como "Ciclo Selvagem". O "Ciclo dos Sonhos" consiste em um grupo de estudos dedicado à análise dos sonhos sob a perspectiva filosófica indígena brasileira. Por sua vez, o "Ciclo Regenerantes de Gaia" tem por objetivo fomentar reflexões acerca do cuidado e preservação do planeta Gaia, ou seja, o nosso Planeta Terra. De acordo com a descrição da página esse ciclo é direcionado à quem deseja abrir uma janela "nesta matriz chamada de humanidade e pesquisar formas de se tornar regenerante de Gaia" (COMUNIDADE SELVAGEM, 2022, on-line).

O Ciclo "Mulheres, Plantas e Curas" tem como propósito central promover reflexões sobre a mulheridade e sua relação com as plantas e a cura. Esse espaço é fundamental para



aprendizado, diálogo e compartilhamento de conhecimentos entre mulheres, estabelecendo conexões tanto dentro das comunidades como além delas. Dessa forma, esse ciclo se torna um espaço de reflexão sobre questões de colonialidade e gênero, como discutido por Lugones (2020) e Segato (2021).

Já o "Ciclo de Memórias Ancestrais" tem como objetivo principal compartilhar saberes e tradições das comunidades, buscando tornar seus conhecimentos mais visíveis e rompendo com a dependência epistêmica, conforme exposto por Silva (2020). Os diálogos que ocorrem nessa atividade proporcionam uma formação contínua para o público interessado. Na seção "Cadernos", é possível encontrar todas as publicações bibliográficas do acervo, disponíveis em três idiomas (português, inglês e francês), o que amplia a visibilidade dessas produções. Nessa seção, são encontradas obras de diversas autoras e autores indígenas. O propósito inicial de reunir a produção de um único líder se expandiu, e hoje essa seção destaca outras personalidades da literatura e filosofia indígena brasileira. Por fim, a seção "Feche os Olhos e Veja" ainda está em elaboração e apresenta conteúdos em formato de áudio que serão disponibilizados na plataforma Spotify.

"Flecha Selvagem" é uma série de histórias indígenas promovida pela Comunidade Selvagem e disponibilizada no YouTube. Essa iniciativa tem como proposta ampliar as formas de conexão por meio da literatura e oralidade indígena. O objetivo é divulgar esses conteúdos para que um público mais amplo possa ter acesso às histórias indígenas, proporcionando uma experiência enriquecedora e estabelecendo conexões culturais e emocionais por meio dessas narrativas. De acordo com a descrição da página "a Flecha abre caminho para que sejam feitas novas perguntas", é destinada ao público geral e é "um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais" (COMUNIDADE SELVAGEM, 2022, on-line).

No ícone canal do youtube somos direcionados ao canal da comunidade nesta plataforma, no qual há todas as comunicações promovidas pela comunidade selvagem. Em Nhe'ery/ guarani que significa "onde os espíritos se banham, é possível acompanhar a narrativa do líder e cineasta Carlos papá da etnia Guarani Mbya pela mata atlântica onde foram traduzidas diversas terminologias indígenas para o português. Além disso, comunica saberes para o bem-viver.

O ícone Shuba Hiwea conhecido como escola viva, versa sobre os saberes do pajé e educador acreano Dua Base sobre a cultura Huni Kuin, incluindo histórias, medicina, música e espiritualidade. Além deste, também representam o conhecimento de comunidades específicas os ícones Apne Ixkot Hâmipak – Escola floresta Maxakali; Mbya Arandu Porã – Ponto de cultura Guarani; Bahserikowi – medicina indígena Tukano. Ademais, ressalta-se que é possível contribuir para a manutenção das escolas vivas indígenas clicando no link colaborar, onde são arrecadadas doações para a causa.

O ícone "Tripulação" descreve a extensa rede de colaboradoras e colaboradores envolvidos tanto na Comunidade Selvagem quanto na Biblioteca do Ailton Krenak. Essa seção



destaca e reconhece a diversidade de indivíduos que contribuem para o funcionamento e o crescimento dessas iniciativas. O ícone "Comunidade" indica as formas pelas quais é possível colaborar para ampliar o acervo da Biblioteca do Ailton Krenak. Essa seção oferece informações sobre como as pessoas podem contribuir para enriquecer o acervo, fortalecendo assim a diversidade de conhecimentos disponíveis. No ícone "Mapa de Navegação", é possível consultar os relatórios das ações realizadas pelo grupo nos anos anteriores. Essa funcionalidade proporciona amplo acesso à informação e divulgação das atividades desenvolvidas, permitindo uma compreensão abrangente das ações empreendidas para viabilizar o projeto. O ícone "Livros", por sua vez, oferece a opção de adquirir os livros produzidos pelo projeto. Essa seção possibilita que os interessados adquiram obras relacionadas aos saberes indígenas, proporcionando uma forma de apoio financeiro às iniciativas e promovendo a disseminação desses conhecimentos.

Por fim, é ressaltada a importância da Biblioteca do Ailton Krenak, seu acervo e seu Catálogo Colaborativo, bem como a estrutura do site onde ela está localizada. Destaca-se o papel fundamental dessa iniciativa como um espaço de informação que valoriza os saberes dos povos originários, em especial aqueles produzidos e transmitidos pela tradição oral. Além dessas ações, temos outras atividades culturais, que estão diretamente relacionadas as práticas de mediação cultural, como é apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Práticas de mediação cultural realizadas pela Comunidade Selvagem

Grupo	Descrição	Atividades Culturais	Prática de Mediação Cultural
 BIBLIOTECA DO AILTON	Uma iniciativa da Comunidade Selvagem para catalogar, organizar e facilitar o acesso às falas de Ailton Krenak	Encontros de compartilhamento de experiências, debate sobre filmes, documentários e dissertações.	Ação Cultural
 PREPARAÇÃO DE TEXTOS	Traduções, transcrições e revisões de vídeos, áudios e falas para a publicação de cadernos e preparação de legendas	Tradução de cadernos para outras línguas, criação de legendas, transcrição dos encontros e publicação de cadernos com a temática dos vegetais.	Fabricação cultural

 COMUNICAÇÕES	Compartilhamento dos movimentos coletivos do ciclo Selvagem e seus desdobramentos	Escrita de textos, coleta de textos, compartilhamento e exibição de vídeos, desenhos, cartas, mensagens, artes, imagens fotos, músicas, animações e outros.	Fabricação Cultural
 CRIANÇAS	Ativações dos conteúdos Selvagem para e com crianças	Produção de atividades com foco em canções, brincadeiras, jogos, danças, entre outros para despertar o conhecimento.	Ação Cultural

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Como podemos observar pelo quadro 1 várias são as atividades culturais desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, sendo que pela pesquisa realizada só identificamos duas práticas de mediação cultural relacionadas a estas atividades, que são a ação cultural e a fabricação cultural. A não existência de atividades ligadas a prática de mediação cultural denominada animação cultural, mostra que a Comunidade Selvagem não tem interesse em desenvolver atividades com fins comerciais, pois seu foco é o trabalho artesanal com atividades culturais que possam privilegiar a produção cultural, assim como garantir as pessoas a apropriação da cultura e da informação relacionadas diretamente com os saberes dos povos indígenas.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo apresentar as práticas de mediação cultural desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, um grupo que compartilha produções e estudos relacionados às conversas mediadas por Ailton Krenak, bem como diálogos entre autoras e autores, ciclos de leitura, produção de cadernos, audiovisuais, traduções e transcrições relacionados aos saberes dos povos indígenas. Esses saberes demonstram que tais povos possuem suas próprias formas de pensamento e modos de vida, além das condições essenciais para sua existência e manifestação de suas tradições, vidas e culturas, sem colocar em risco a existência de animais e outros seres humanos (KRENAK in COHN, 2015).

Acreditamos que estudos como este são fundamentais para dar visibilidade aos saberes dos povos tradicionais e refletir sobre os efeitos da colonização na produção de conhecimento. Além disso, tais estudos ampliam os horizontes para a formulação de estratégias de compartilhamento de culturas e saberes historicamente subalternizados, visando alcançar a



justiça social para as comunidades envolvidas. Compreendemos que as práticas de mediação cultural, assim como o compartilhamento dos conteúdos aqui apresentados, podem ser uma estratégia para romper a dependência epistêmica presente nas abordagens científicas e profissionais, ao mesmo tempo em que promovem a justiça social em relação à intelectualidade das pessoas indígenas brasileiras.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

ALVES, U. S. **Por uma biblioteconomia decolonial**. [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.crb8.org.br/por-uma-biblioteconomia-decolonial/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BARBOSA, J. M. A.; MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das Histórias Indígenas. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 18, n. 37, p. 121-145, set./dez. 2018.

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. A pedagogia brasileira nos primeiros tempos da colonização: escolas de ler e escrever, teatro, música e ensino de artes mecânicas. **Revista IRICE**, n. 32, p. 13-38, 2017.

CARDONA, N. D. La subordinación em la ciência ¿una consecuencia de la cohesion social? Ideas para observar la Bibliotecología e Ciencia de la Información. *In*: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. (Org.). **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020.

COELHO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COHN, S. (ORG.). Ailton Krenak. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

COMUNIDADE SELVAGEM. **Relatório selvagem**: atividades da Comunidade Selvagem 2022. Disponível em: <https://selvagemiclo.com.br/comunidade/> Acesso em:30 jun. 2023.

CRIPPA, G.; ALMEIDA, M. A. Mediação cultural, informação e ensino. Educação Temática Digital, Campinas, 5. MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT, 5., 2009. **Anais eletrônicos**[...] Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo. **Prisma.com**, [s.l.], n.4, jan. 2007. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/645/pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FLUSSER, V. O bibliotecário animador: considerações sobre a sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.2, n. 11, p. 230-236, set.1982.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ISAAC, P. A. M.; RODRIGUES, S. F. P. Educação escolar indígena: impactos e novas formas de colonização. **Revista Cocar**, [s.l.], v. 11, n. 22, p. 60-86, 2017.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2019.

LORDE, A. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.
- MATHIESEN, K. Informational Justice: A Conceptual Framework for Social Justice in Library and Information Services. **Library Trends**, [s.l.], v. 64, n. 2, 2015.
- MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das Histórias Indígenas. *Tellus*, [S. l.], v. 18, n. 37, p. p. 121–145, 2018.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, [s.l.], v. 32, 2017.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.
- QUIJANO, A. La tensión del pensamiento latinoamericano [1986]. *In*: QUIJANO, A. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: Clacso, 2014. p.697-704.
- QUINTERO, P.; FIGUEIRA, P. ELIZALDE, P. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. São Paulo: MASP Afterall, 2019.
- RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli**: v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43/26577>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SILVA, B. D. Mediação cultural e suas práticas: um estudo no sistema de bibliotecas públicas municipais de Londrina. *In*: Seminário em Ciência da Informação, 6, 2016, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2019, p. 388-401. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/schedConf/presentation>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SILVA, B. D.; SANTOS NETO, J. A. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 30-43, abr/jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/32967/18819>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SILVA, F. C. G. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. *In*: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G (Orgs.). **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil**. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020.
- THOMPSON, P. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

